

MARCELO TÁPIA

Ascensões e descensoS

Poesia
2021-24

Posfácio de Leonardo Antunes

1ª edição – 2025



Copyright © 2025 Marcelo Tápia Fernandes

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Capa e projeto gráfico

Marcelo Tápia

As imagens da capa e das páginas internas foram produzidas pelo autor por meio de recursos digitais, a partir de fotografia de Arturo Nikolai, distribuída sob licença Creative Commons 2.0.

As traduções não creditadas de epígrafes são do autor.

Direitos reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 – Tel.: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)

T172a Tápia, Marcelo

Ascensões e descensos / Marcelo Tápia; posfácio de Leonardo Antunes. 1ª ed. – São Paulo: Madamu, 2025.
160 p., 21 cm.

ISBN: 978-65-86224-70-2

1. Poesia. I. Título.

CDD: 869.1

Elaborado por Simone Cadengue Ladislau – CRB-8/6350

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia brasileira.

SUMÁRIO

Introito pessoal

Harmonia	10
Solidões	14

Terceira pessoa

Tríade terrena	20
Claro-escuro	24
Olhos de coruja	28
Trio de vozes	40
Divagação – Palinodisseia em canto único ..	48

Segunda pessoa

Tu és tudo – Súplica aos elementos	68
Impropérios	83

Primeira pessoa

À cata do canto	90
Lance de sombras	98
Baú de perdidos – Versos do afeto infante ..	111
Sentenças dos setent'anos	137

Posfácio de Leonardo Antunes	151
------------------------------------	-----

Cuando contemplo el cielo
de innumerables luces adornado,
y miro hacia el suelo
de noche rodeado,
[...]

Luis de León, Ode VIII

Introito impessoal



HARMONIA

ACORDE

O dia estava tão vívido
que não os desolaria
saber que era o derradeiro:
sol soberbo, céu cerúleo.
Da sola dos pés aos olhos
voltados ao infinito,
sem mirar em seu futuro,
os corpos vibravam notas
livradas de seus conflitos.

DANÇA

As folhas dançam
sob a aragem
suave

movimentos que vão além
das árvores,

tecendo lentos
solos
entre as aves.

UNÍSSONO

Quando as ondas se escondem
sob as águas,
a calmaria do mar
se espraia
e tudo se afina
na mesma linha da escala.

SOLIDÕES

UVAIAS

A uvaieira isolada emite aroma
vibrante, intenso, que atrai passarinhos
e insetos: seus ricos frutos são ácidos
e doces, alimentam fauna vária.
Assim, encontram-se, em meio a sua polpa
alaranjada, larvas que a devoram,
assimilando sua cor vivaz:
insetos não perdem seu breve tempo.
Tampouco as aves, que duplo manjar
nela encontram, em música frenética.
Mas ventosos temporais a sacodem,
lançando do alto seus frutos globosos,
que, flácidos, serão manchas citrinas
no solo, dias de longo abandono.
Por ali passa gente indiferente
à tupi *iwa'ya*, *Eugenia pyriformis*,
quando se ouve: "Que são essas frutinhas?"
"Acho que não servem para comer".

TELHAS-VÃS

A velha casinha quase em ruínas
em meio a mais novas na via breve
mostra seu interior, sem as janelas
que um dia o abrigaram de olhares,
e sugere passagem pela porta
entreaberta para ninguém que a adentre.

O trevoso ambiente insinua espectros
que transitam entre cozinha e quartos,
dias de altos cheiros e baixos sonos,
as vozes ressurgindo dos silêncios.
Um guincho de rato corta o vazio,
a sombra se alonga pelas paredes,

um felino faz vivo movimento.

PEDRA DURA

A pedra grande no terreno,
com água em suas cavidades,
é breve descanso de pássaros
quando descem ao solo seco.

Amálgama do alto e do baixo,
testemunha as miríades de aves
pelas seculares passagens
aladas entre sorte e acaso.

ALEGORIA DA LINHA

A linha ora se afrouxa,
ora se estica ao máximo,
entre o extremo de baixo
e o limite do alto.

Sob o solo a repuxa
o não-ser da fundura,
e a estira o não-ser do ápice.

Nela mesma, se frouxa,
dança nos gestos largos
a dança do descanso:
entregar-se ao de baixo;

e, se esticada, dança
em gestual delgado
a dança das façanhas:
desintegrar-se ao do alto.

Enquanto inteira vibra,
o ser é o que transita
nos limites do elástico.

**Terceira
pessoa**

TRÍADE TERRENA

SÉ

Diante da entrada da Sé, no cume da escada,
ele vislumbra o caminho de uma ascensão
aos brilhos, luzes e santos, até o céu
de ouro e de cores, cimo de poder grave,
ainda que agudas ressurjam notas de sopro
divino, altivas trombetas imaginadas.

No plano da escada está o seu purgatório,
chão do intermédio, a passagem feita de dúvida,
via das chances de baixo e alto sortilégio.

Abaixo da escada, difundindo-se ao largo,
apresenta-se a paisagem de vultos ébrios,
subterrâneo que se abre à vista do dia,
o Tártaro claro de indizível tristeza.
Esgotam-se as portas das laterais saídas,
retêm-se nas dores os desistentes vagos.

JÚLIO PRESTES

Na sala da orquestra, no camarote ao alto,
sopros e cordas se alinham no paraíso
dos sons divinais, elevações dos espíritos
sob os impulsos da música que percorre
o espaço e o tempo da nobre existência humana,
toda a amplidão que ele alcança na graça do ato.

À entrada da sala está o seu purgatório,
chão do intermédio, a passagem feita de dúvida,
via das chances de baixo e alto sortilégio.

Nas ruas ao lado da magnífica sala,
aglomeram-se no Érebo os presos dos vícios,
isolados entre lixo, bens e dejetos:
almas sonâmbulas erram em breve círculo,
como corpos que assustam passantes ao largo,
lacunas da salvação pelos que se calam.

DUBIEDADE DO VATE

Para desvelar o íntimo de seu ser,
entender na alma a sina das escuridões,
foi ao analista, vate daqueles dias.
A consulta se daria em sala no andar
superior do prédio de um shopping concorrido,
cheio de vitrinas com tudo para ver.

Na sala de espera está o seu purgatório,
chão do intermédio, a passagem feita de dúvida,
via das chances de baixo e alto sortilégio.

Ao aceno do analista, ingressa no Hades
inserto no topo, sobre o céu do consumo.
De miséria não sabia, mas de sustento
por muito labor; diante da dúbia análise,
não decide se melhor era ter o tênis
ou a consulta; incerteza é só o que sabe.

CLARO-ESCURO

LUZES

Despertou na alcova
com espírito sombrio,
o espelho vestido
de negro tecido,
os vidros envoltos
a fim de ocultar os brilhos.

Súbito um papel
torna-se luz tênue
sobre a escrivainha inerte,
e ela relembra, de cor,
o escrito na tela
do computador.

Não mais se exporia
nas redes antissociais,
a crueldade humana
não a tomaria mais,
essa vida insana;
sua alma jazia

num corpo apagado.
Mas aquele papel claro
com sua luz tão pouca
a fez empunhar o lápis
e traçar o sol
de um aberto páramo,

vasta aparição que expulsou fantasmas.

SONS

Da noite insone
os sons profundos
vibram;

da alva manhã
os sons intensos
ferem

sua alma exausta.

O fio de voz
que cantarola
eleva

seu corpo além
do solo,
em nota altíssima.

VULTOS

Os mais nítidos vultos do sonho
são também os seres mais incômodos;
como se a luz focasse os avessos
dos desejos, mas imperiosos
encontros com ausências pendentes.

E do sonho os vultos menos nítidos,
turvos, são os desejos assíduos
que moram em sombra, ao abrigo
das obrigações de cada dia,
assombrando seu mundo de antíteses.

OLHOS DE CORUJA

I. VISÕES

ATHENE NOCTUA

O improvável aproveitou-se,
e aconteceu o que se conta:
certa noite ele, num espeto,
transpassou trôpega coruja,
cuja carne seria a fonte
de superação de sua fome –
perdido em lugar longe e inóspito,
era uma dádiva oportuna.

Desde que comera a ave escura,
seus olhos tornaram-se glaucos.
Claros, cintilantes, terríveis,
transpareciam luz noturna,
futuros vistos sob a lua:
divinos dons divinatórios
próprios da ave das trevas, *Noctua*,
núncia de segredos soturnos.

Não mais pôde apagar dos olhos
poderosos o intenso brilho,
nem manter-se longe da mântica,
ignorar cochichos e pistas,
os fados que se abrem aos mochos;
sem sossego sofria, triste,
a pena por provar o impróprio:
o espantoso alcance das vistas.



SABEDORIA

O assombro dos olhos do mocho,
o ouro da íris da coruja,
que pode igualmente ser glauca,
refletem-se na reflexão:
glaukós é brilho cintilante,
como também verde-azulado,
e nomeia a ave noturna,
duplo termo de cor e pássaro.

Mas quer se evoque a deusa Atena,
a sabedoria noctívaga,
ou Ascálafo, guarda de Hades,
vistas tingem-se de atributos
muito além da íris, abrindo-se
de um orifício escuro ao mundo:

o negro ilumina a amplitude
da noite até onde o pensar
alcança, alçado pelo dom
sublime – o túnel das pupilas
vestidas pela fantasia
dos tons, matizes e realces
que cercam as revelações.

II. BREVE FABULÁRIO DE VIDA E MORTE

para Eitan, Oz e Benjamin

DISFARCE E DEFESA

A Borboleta Olhos-de-Coruja
disse isto ao Bicho-Pau:
“Nós dois somos mentira, seres falsos,
vestimos fantasias de outros seres,
nisso somos parentes.
Mas numa coisa eu levo, sim, vantagem:
imito um ser temido, que o devora,
e você é um pobre galho seco.
Se de verdade eu fosse, era sua hora
de conhecer o mais medonho medo;
e você fica aí, parado agora,
como sempre em defesa e sem coragem.
Sou igual a uma deusa, em imagem,
e com as asas afugento os males,
sou viva e me defendo em movimento.”
Quase inerte, então diz o Bicho-Pau:
“Sim, somos semelhantes pelo falso
aspecto de outro ser;
e tem razão ao dizer que do mal
se defende ao abrir seus olhos de asa,
e eu, sendo o mais imóvel que puder.
E que a imagem que imita é grandiosa,
assustadora, e eu sou mais pobre obra
em cor e movimento exuberantes.

Mas daqui de meu longo tempo imóvel,
antevejo perigos que você,
ágil de asa e de voo,
enquanto se revela ante meus olhos
pode esquecer de ver:
como esse grande ser
que, duvidando desse seu disfarce,
ou mesmo não temendo a quem imita,
dá cabo, neste instante, à sua vida.”